

[ANA CLAUDIA DE OLIVEIRA]

Professora titular da PUC-SP na Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica. Codirigente do Centro de Pesquisas Sociosemióticas (CPS). Publicou uma dezena de artigos sobre a inter-relação entre comunicação e moda. Seu livro mais recente é *Linguagens na comunicação: por um desenvolvimento da semiótica sincrética* (Estação das Letras e Cores/CPS, 2009), organizado em parceria com Lucia Teixeira.
E-mail: anaclaudiamei@hotmail.com

No arrasto das sandálias: reinvenções de um modo de vida



Sandália egípcia.
Fonte: HEYRAUD,
Bertrand. 5000 ans de
chaussures. Bourne-mouth:
Parkstone, 1994.

A problemática do uso da sandália

O pé que nos sustenta e que conduz nossos passos pelo mundo tem sido por civilizações vestido. Para além da função utilitária desse vestir, enfeixada no dar proteção ao pé contra as ameaças do meio, as irregularidades do solo, a temperatura, cada cultura atesta nos modos como recobre a sustentação da figura humana a valorização de outra função, a estética, que se estrutura sobre a função prática nas escolhas de materiais, formas e cromatismos em articulação com o arranjo do pé igualmente tratado por sua materialidade, forma, cor e topologia. A sandália é uma dessas escolhas cujos registros civilizatórios evidenciam sua presença quer no Ocidente, quer no Oriente, desde a Antiguidade em comunidades nas quais o calçar e o descalçar várias vezes no dia faziam parte integrante das atividades cotidianas como traço cultural distintivo de ocupações, posição social, modo de vida.

O porte da sandália deixa os pés inteiramente visíveis e livres. Presas em um solado, duas tiras, posicionadas entre o dedão e o dedo vizinho, saem do eixo frontal formado pelos dedos. Em forma de Y, as tiras atravessam o peito do pé para serem refixadas na sola, na altura mediana do calcanhar. Essas duas tiras passam por variações e podem inversamente ser arranjadas na horizontalidade do pé: uma tira envolve o dedão enquanto a outra atravessa o peito do pé. Vertical e horizontal, cortam em linhas paralelas e oblíquas a horizontalidade do solado que estabiliza o bípede sobre o território. Tanta simplicidade nos conduz à indagação se poderia haver estruturação mais minimalista e de maior praticidade. Essa estrutura, que por grandes variações produz um leque

de tipos de sandália, nos faz pensar na significação do portar o pé livre em uma sandália, tanto outrora como em nossa contemporaneidade. O que guarda essa forma de vestir o pé que na cultura da indústria da moda entra nos seus ciclos sazonais, sendo proposta e reproposta?

Dos materiais à manufatura, da distinção socioeconômica à não distinção

O material de que é feita a sandália é uma indicação dos recursos disponíveis nas várias localidades em que encontramos o seu uso, na diacronia da história humana. Na sua confecção fez-se emprego, para os solados, tanto da palha de palmeira, papiro, junco, arroz, quanto de couro e de vários tipos de madeira mole. Modernamente, no século XX, outro material, a borracha, teve sua aparição. No contemporâneo, foi a vez do plástico. Para as tiras, empregou-se uma grande variedade de palhas, de couro natural ou pintado, mas, também, peles de felinos, afora tecido e plástico. Mais antigos ou mais atuais, esses materiais coexistem nas criações de sandálias até hoje, mostrando o quanto as matérias e os processamentos tecnológicos de sua manufatura fazem parte das experiências de um povo e podem desvendar os seus valores socioeconômicos e culturais.

No Egito Antigo, os faraós eram acompanhados de carregadores de sandálias. No túmulo de Tutankhamon, os exemplares encontrados atestam que esse calçado recebia ornamentos que iam desde a coloração do couro à aplicação de pedras preciosas em desenhos que davam requinte à aparência. Nos demais países africanos, o adorno das tiras fazia-se por bordados com miçangas, contas, vidrilhos e canutilhos em jogos de cores e desenhos.

As imperatrizes romanas chegaram ao luxo de banhar os solados das sandálias em ouro; enquanto os indianos e os persas ostentavam preciosos trabalhos de escultura nos solados de madeira de altura variável.

Encontramos vestígios do uso de sandálias em toda a Europa. Comparando uma sandália do Egito com outras de localidades variadas, ressalta-se o formato dos pés modelado no do solado, cuja frente acompanha o arco dos dedos e a linha da tira, em quaisquer de seus posicionamentos sobre o pé, tem o seu eixo de sustentação no dedão.

Na Roma Antiga, era o calçado de tiras de couro atadas a uma sola também de couro que vestia tanto os pés da nobreza quanto os dos gladiadores. O diferencial é que eram usadas atadas ao tornozelo com uma ou várias tiras de larguras diversas formando uma tessitura que prendia o calçado ao corpo. Essa trama no tornozelo conduz o olhar a se erguer daí e ir subindo pelas pernas nuas dos gladiadores em exaltação de sua força física, persistência, coragem, que são os seus atributos qualificadores vistos nos torneios da musculação. Esse primeiro modelo faz com que a sandália seja portada fixa nos pés, eliminando a possibilidade de descalçá-la livremente. Nessa versão, a sandália romana usada até nossos dias pelas

mulheres mostra como a nudez liberta dos pés é articulada a um código comportamental regulador das relações sociais. Como mais um elemento de sedução do olhar, esse

Calçado romano.
Fonte: BOUCHER, François.
Histoire du costume en
Occident: des origins à nos
jours. Paris: Flammarion,
1996, p. 103.



atar da sandália ao corpo reorienta o olhar que deixa de ser fixado na nudez do pé para ser movido pela modelagem corpórea do baixo ventre. As tiras fixam a sandália ao tornozelo e pernas, e esses modos de fixação vão constituir, então, uma articulação persuasiva para elevar o olho atraído por um traçado narrativo de investimentos semânticos nas partes corpóreas, que estão na trajetória do erguer a vista e subir do pé e tornozelo, pela panturrilha, pelo joelho, pela coxa até o adentramento pela parte genital, em uma estratégia de fazer com os olhos o tateamento do baixo ventre feminino. Quando a sedução do outro se completa e as tiras precisam ser desatadas para liberar os pés da sandália, essa variação estrutural da sandália gladiadora mostra que ela se afasta inteiramente daquele uso original cuja marca qualificante é o pé estar calçado e poder em um instante não mais estar.

No Japão, a sandália adquiriu variações em função das classes sociais e pelo uso que faziam em suas atividades. O tipo *waraji* vestia os pés da classe trabalhadora e os mais pobres. Feitas de fitas de palha, as sandálias eram amarradas ao redor do tornozelo. Em tamanho único, o tipo *zori* tinha o solado de palha de arroz tecida ou madeira lascada no qual se fixavam as fitas tecidas e retorcidas que eram reforçadas. Esse tipo de tiras, quando atado em solado de madeira, denominava a *geta* cuja particularidade era ser talhada ambidestra e de tamanho único. Nos pés da classe trabalhadora, a sandália apresentava usos com funções específicas em vários tipos de trabalho. Sendo uma extensão dos pés, quando ela era cravejada de elementos pontiagudos no solado, seu fim era o de atuar como auxiliar dos pés na atividade de pesca; a resistência do solado de madeira com um aumento da altura por saltos que elevam os pés do solo permitia a locomoção no cultivo dos alagados enlameados das plantações de arroz.

Esses usos continuaram no século XX no Japão e na China. Ainda no Extremo Oriente, quando adveio o desenvolvimento industrial da borracha na então Indochina, o solado de madeira foi substituído pelo de pneu e se tornaria o solado mais popular das sandálias de todo o mundo. De Hanói, as improvisações do material que levaram o nome do estadista Ho Chi Minh nomeavam as sandálias de solados de velhos pneus ou as mais rudimentares ainda feitas com a reciclagem das embalagens plásticas. A presença de tropas francesas nesse longínquo Oriente, em meados dos anos 1960, marcou o traslado pelos ex-combatentes das chamadas *tong*, que chegaram uma década mais tarde aos Estados Unidos com a denominação de *thong*, o que mostra, nos dois continentes nórdicos, a preservação asiática do nome. Atestando descontração, conforto para os pés, esse tipo de sandália era calçada em circunstância de relaxamento, nos intervalos da espera dos acontecimentos. Mas a borracha e o plástico, uma vez introduzidos na confecção da sandália, erigiriam a sua manutenção estreitamente ligada aos processos tecnológicos industriais.

Em grande contraste, nos pés dos hippies, nos seus atos de protesto contra a Guerra do Vietnã, palco originário do uso desse calçado, a geração "paz e amor" portava as sandálias asiáticas transladadas para o Ocidente em um uso para outros fins.



Sandália gladiadora,
Verão 2008-2009.
Divulgação Guria.

Assim vestidos, os pés apresentavam o usuário em quaisquer de suas atividades, tanto em repouso quanto em atividade, quebrando a incorporação do estado de alma da descontração e do relaxamento do repouso. O contato com os modos de se vestir na Índia trouxe também a rasteirinha de couro cru, com uma série de adornos carregando a valorização do trabalho artesanal, manual contra a industrialização crescente e o sistema do capitalismo. Esse uso foi acompanhado de um vestir feminino em voga de saias longas bordadas e blusas soltas, e as batas amplas com calças largas para o traje dos homens. Acima de tudo, descontração, conforto e bem-estar, em especial dos pés com o seu calçar e descalçar à vontade, caracterizavam o vestir-se, o que mostrava um outro modo de estar no mundo, que causou grande impacto na cultura ocidental dos pés calçados.

Em poucos anos, essas sandálias calçariam tanto os pés em veraneio como os pés dos esportistas, todavia, confeccionadas em PVC, material que lhes conferiu mais flexibilidade e leveza e que foi empregado nos anos 1970 pela marca Sarraizienne que liderava o mercado europeu. Do seu uso em campings às praias destacadas, da longínqua e exótica Bali à fetichizada Saint-Tropez, e mesmo na neutra cidade de Auvergne, sede da manufatura da Sarraizienne, a produção dessas sandálias atingiu escala massiva. Por outro lado, seu criador, Youthachai Watanapanich, e outros jovens designers de calçado, como Salvatore Ferragamo, levaram a sandália anatômica a premiações por estilo, e ela foi introduzida no comércio de luxo e passou a figurar nos catálogos das grandes marcas.

A sandália de plástico dos pescadores da Riviera Francesa, conhecida como *fishermen*, que protegia os pés dos pescadores na sua atividade pelas superfícies rochosas da orla mediterrânea, foi o mote que resultou na criação da sandália de plástico injetado com bolhas de ar pelos irmãos Grendene. Nas areias quentes do Atlântico, os pés ganharam conforto na sandália Rider, e com a exploração da anatomia, os pés experimentam o ajuste à perfeição calçando um modelo Oakley. Além da sandália feminina denominada Melissa, que foi também um marco de concepção de produto da marca.

Assim, a sandália, nesse jogo de transformações do material com as novas tecnologias, manteve a estrutura minimalista ao alcançar o patamar de produto de marca que particulariza as produções de nossa contemporaneidade. A injeção de PVC tornou essa sandália o calçado mais leve e o mais confortável para a caminhada, também um modismo crescente da geração cada vez mais apegada aos hábitos correlacionados à saúde física e mente sã.

No Brasil, nos últimos vinte anos, a rasteirinha tornou-se uma presença obrigatória nas praias de todo o país, e outro fabricante teve sucesso: a São Paulo Alpargatas. A sandália havaianas, criada em 1962, atinge hoje um índice de venda de 120 milhões de pares para os 170 milhões de brasileiros, e sua produção atende mais 2 milhões de pés em todo o planeta. Os índices estatísticos são provas de que "havaianas, as legítimas" se distingue dos concorrentes. Trazendo o imaginário da vida leve e solta do Oriente que cintila de liberdade em nosso imaginário tropical do Atlântico sul, essa marca rompeu as fronteiras



Divulgação Havaianas.

do país, mas também as dos modos de vida.

Com todo glamour injetado pela intervenção do marketing nas estratégias da marca em sua publicidade e nos pontos de venda, essa sandália passou a ser usada das praias e favelas às festas requintadas e por celebridades. Espetacularizada, a sandália Havaianas ganhou uma construção diferenciada de marca e tem mais de trinta modelos para vestir os pés em todas as ocasiões, inclusive nas de luxo com a intervenção de designers célebres que se associam à marca emprestando-lhe os atributos de seus arranjos estéticos e, por sua vez, recebendo o conceitual do produto. O jogo de cores e de formas estampados na criação artística e na topologia do solado produz a distinção da sandália enquanto produto auratizado da atualidade.

Na próxima edição de [inter-relações] voltaremos à discussão do tema, abordando como essa peça do vestuário, a sandália, entretete diálogos com os usos e costumes da tradição, assim como com o presente globalizante da sociedade atual e suas reinvenções dos modos de vida. Até lá.

[37]

BIBLIOGRAFIA

OLIVEIRA, A. C. de. Espaços-tempos (pós-) modernos ou na moda, os modos. In: GINSBURG, J.; BARBOSA, A. M. (Org.). *O pós-modernismo*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

_____. Enunciação e estesia na expressão sincrética. In: _____.; TEIXEIRA, L. (Org.). *Linguagens na comunicação: desenvolvimentos de semiótica sincrética*. São Paulo: Estação das Letras e Cores/CPS, 2009, p. 79-140.

_____. As interações discursivas na comunicação: estesia e experiência. In: IBERCOM, XI, 2009, Funchal. *Anais do XI IBERCOM*. Funchal: Universidade da Madeira, 2009. CD-ROM.

_____. Interações discursivas como regimes de experiência. In: Congresso LUSOCOM, 8º, 2009, Lisboa. *Anais do 8º Congresso LUSOCOM*. Lisboa: Universidade Lusófona, 2009. CD-ROM.